

GÊNERO E PATRIMÔNIO

Refletindo sobre os valores da arquitetura moderna

GENDER AND HERITAGE

Reflecting the values of modern architecture

GÉNERO Y PATRIMONIO

Reflexionando sobre los valores de la arquitectura moderna

VICTÓRIA FERNANDES VICENTE

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Doutoranda do PGGAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie, vickvicente@hotmail.com.

JULIA MENDONÇA COSTA

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Doutoranda do PGGAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie, julia.menda97@gmail.com.

RESUMO

É sabido que o contexto social e político de consolidação da arquitetura moderna propiciou uma série de pagamentos históricos e banalizações projetuais. Um desafio a ser superado é o resgate de projetos que, mesmo quando não construídos, ou quando demolidos ou deteriorados, continuam a expressar ideias e valores significativos. Considerando que cada projeto incorpora uma variedade de circunstâncias que contribuem para o seu valor, observa-se que legados sociais se refletem na desvalorização do trabalho das mulheres no campo da arquitetura e do urbanismo. Sabendo-se que algumas obras projetadas por arquitetas podem ter passado por um algum tipo de degradação e/ou demolição, a abordagem de Pellegrini (2011), de que o projeto em si pode ser considerado patrimônio, apresenta-se como uma alternativa para a ampliação do leque referencial do acervo moderno. Diante dessas constatações, através de uma revisão bibliográfica, o presente artigo se propõe a apontar possibilidades de preservação do legado da arquitetura moderna e identificar causas que podem ter ofuscado a trajetória de inúmeras arquitetas e urbanistas, a partir da proposta de Pellegrini (2011), utilizando o projeto como um patrimônio dotado de valores passíveis de preservação para além de suas dimensões físicas e materiais, ou seja, um documento gráfico capaz de proporcionar inclusões.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna; patrimônio moderno; mulheres na arquitetura; projeto como patrimônio.

ABSTRACT

It is known that the social and political context of consolidation of modern architecture led to a series of historical payments and design trivializations. A challenge to be overcome is the rescue of projects that, even when not built, or when demolished or deteriorated, continue to express significant ideas and

Submetido em: 09/11/2024

Aceito em: 30/11/2024

Publicado em: 30/12/2024

values. Considering that each project incorporates a variety of circumstances that contribute to its value, it is observed that social legacies are reflected in the devaluation of women's work in the field of architecture and urbanism. Knowing that some works designed by architects may have undergone some type of degradation and/or demolition, Pellegrini's approach (2011), that the project itself can be considered heritage, presents itself as an alternative to expansion of the reference range of the modern collection. Given these findings, through a bibliographical review, this article aims to point out possibilities for preserving the legacy of modern architecture and identify causes that may have overshadowed the trajectory of countless female architects and urban planners, based on Pellegrini's (2011) proposal, using the project as a heritage endowed with values capable of preservation beyond its physical and material dimensions, that is, a graphic document capable of providing inclusions.

KEYWORDS: modern architecture; modern heritage; women in architecture; project as heritage.

RESUMEN

Se sabe que el contexto social y político de consolidación de la arquitectura moderna propició una serie de pagos históricos y banalizaciones del diseño. Un desafío a superar es el rescate de proyectos que, aun cuando no se construyen, o cuando se derriban o deterioran, siguen expresando ideas y valores significativos. Considerando que cada proyecto incorpora una variedad de circunstancias que contribuyen a su valor, se observa que los legados sociales se reflejan en la devaluación del trabajo de las mujeres en el campo de la arquitectura y el urbanismo. Sabiendo que algunas obras diseñadas por arquitectos pueden haber sufrido algún tipo de degradación y/o demolición, el planteamiento de Pellegrini (2011), de que el proyecto en sí puede ser considerado patrimonio, se presenta como una alternativa de ampliación del rango de referencia de la colección moderna. Ante estos hallazgos, a través de una revisión bibliográfica, este artículo pretende señalar posibilidades para preservar el legado de la arquitectura moderna e identificar causas que pueden haber ensombrecido la trayectoria de innumerables arquitectas y urbanistas, a partir de la propuesta de Pellegrini (2011), utilizando el proyecto como un patrimonio dotado de valores susceptibles de preservación más allá de sus dimensiones físicas y materiales, es decir, un documento gráfico capaz de aportar inclusiones.

PALABRAS CLAVES: arquitectura moderna; patrimonio moderno; mujeres en arquitectura; proyecto como patrimônio.

INTRODUÇÃO

O grau de visibilidade e reconhecimento das contribuições das mulheres no campo da arquitetura e do urbanismo tem aumentado progressivamente. Todavia, é necessário que se tenha em vista que o caminho para a conquista de espaço na profissão tem sido difícil e bastante sinuoso (LIMA, 2014).

O vño historiográfico decorrente das formas e contextos sociais e políticos que moldaram a narrativa da arquitetura moderna é robusto, especialmente quando confrontado com os conhecimentos evidenciados por uma literatura panorâmica sobre a arquitetura e por outras circunstâncias, como os discursos políticos amplamente adotados na profissão. Um exemplo é o *star system*, que consolida a figura de um gênio criativo solitário, frequentemente tendendo a valorizar o homem em detrimento à mulher (FONTES, 2016).

Esse cenário reforça a presença hegemônica masculina na representatividade da arquitetura e do urbanismo, ressaltando a urgência de se resgatar a produção das mulheres e suas contribuições para a complementação do acervo e do discurso da arquitetura moderna.

Lima e Zein (2023) sugerem que, para minimizar a desvalorização e promover o reconhecimento do trabalho das mulheres arquitetas, é essencial ampliar as fontes de pesquisa para além dos textos panorâmicos. Isso implica incorporar uma gama diversificada de fontes bibliográficas que abordem o tema de maneira específica e consistente, pois a expansão do leque referencial abre espaço para abordagens mais inclusivas.

Pellegrini (2011), em sua tese de doutorado intitulada "*Quando o projeto é patrimônio: a modernidade póstuma em questão*", argumenta que as obras arquitetônicas abrangem mais do que sua realização física, mas também todo o processo e contexto envolvidos. A autora defende que o próprio projeto deve ser considerado patrimônio, uma vez que muitas vezes representa uma visão mais fiel e menos distante do projeto original do que a obra construída.

Isto posto, compreendendo os entraves da revisão de uma narrativa historiográfica brasileira sobre o período, sobretudo em países que sofreram influências de visões norte-americanizadas e/ou eurocêntricas, o presente artigo tem o objetivo de provocar reflexões sobre possibilidades de preservação do legado da arquitetura moderna e identificar causas que podem ter ofuscado a trajetória de inúmeras arquitetas e urbanistas, a partir da proposta de Pellegrini (2011), utilizando o projeto como um patrimônio dotado de valores passíveis de preservação para além de suas dimensões físicas e materiais, ou seja, um documento gráfico capaz de proporcionar inclusões.

Para tanto, o artigo é construído a partir de revisões bibliográficas, e estruturado em três partes: Narrativa Canônica; Gênero e Valores Modernos e Ampliando o Patrimônio. Ressalta-se que o mesmo não tem como pretensão estabelecer diretrizes concretas para a preservação da arquitetura moderna, mas sim refletir sobre as possibilidades de caminhos a serem tomados.

NARRATIVA CANÔNICA

Na historiografia da arquitetura moderna, há um reconhecimento atual de que a narrativa amplamente conhecida, apresentada nos exemplares

panorâmicos, especialmente no Brasil, é dotada de escolhas ideológicas do narrador (WAISMAN, 2013).

A partir desse reconhecimento, Zein (2020; 2021), estabelece a existência de cânones na história da arquitetura moderna e a necessidade de revisá-la. O conceito de “cânone” é explicado pela autora, como “uma espécie de discurso “naturalizado” que reivindica o direito de ser evidente sem ter que se explicar” (ZEIN, 2020). E este “sujeito canônico”, se torna cada vez mais potente na medida em que se destaca e conseqüentemente ofusca.

A narrativa historiográfica canônica da arquitetura moderna brasileira estava em construção ao mesmo tempo em que era estabelecida a narrativa historiográfica canônica mais amplamente aceita e “naturalizada” sobre a “arquitetura moderna”. Apesar de ostentar a palavra “Moderna” sem outras qualificações, essa construção narrativa foi fomentada, principalmente, com a ajuda de um seleto grupo de historiadores de origem e/ou influência europeia, que assumiram o papel de vozes orgânicas das vanguardas de alguns dos países europeus do início do século XX (ZEIN, 2020, p. 2).

Tal sincronia possibilitou que discursos norte-americanos e europeus traçassem os primeiros contornos da narrativa historiográfica da arquitetura moderna brasileira. Estabeleceu-se assim uma história totalizante, com limitação de seu alcance, na qual foram priorizadas obras que eram consideradas “de amplitude internacional”, localizadas em cidades e regiões com maior visibilidade e assinadas pelos arquitetos mais influentes na época. Em contrapartida, as obras de regiões com menor visibilidade e arquitetos que não possuíam “trânsito com as editoras” ou não eram conhecidos internacionalmente, passaram despercebidas. As mulheres arquitetas, muitas vezes, sequer são mencionadas. Assim, entre holofotes e insignificâncias as lacunas da história foram cristalizadas.

Zein (2021), em sua obra “*Revisões Historiográficas: Arquitetura moderna no Brasil*”, após uma extensa pesquisa, apresenta levantamentos quantitativos referentes aos oito principais exemplares panorâmicos sobre a arquitetura moderna no Brasil. Dentre os dados informados nas tabelas e quadros, destacam-se a quantidade de vezes que os nomes de arquitetos são citados, e as regiões que possuem ou possuíram obras projetadas por eles.

Dessa forma, Zein (2021) ilustrou a maneira como se construiu uma narrativa hegemônica e totalizante para o país, ou seja, canônica. E esta, foi demonstrada pelas excessivas menções repetitivas dos mesmos nomes de profissionais e também das mesmas obras, majoritariamente das regiões Sul e Sudeste do país.

Apesar das constatações frequentemente excludentes, o reconhecimento de lacunas na historiografia brasileira abre espaço para revisitações conscientes. Não é suficiente apenas a revisão de certos períodos da história. É necessária uma busca que considere a perspectiva dos invisibilizados, a partir de recortes de gênero, raça e classe. É preciso procurar por soluções, memórias e patrimônios que possam ter passado por degradações, demolições, mudanças, ou até mesmo, nunca terem sido construídos por inteiro. Visto que,

Os documentos, incluindo-se as obras de arquitetura – que são também documentos da maior importância e densidade para nosso campo de estudos – aguardam pacientemente por nossas reflexões. Mas jamais serão esgotados por elas: a qualquer momento um olhar lhes trará nova vida (ZEIN, 2018, p. 105).

GÊNERO E VALORES MODERNOS

Na vasta lista de protagonistas do movimento moderno, a historiografia arquitetônica feminina contemporânea busca subverter ordens estabelecidas e destacar nomes anteriormente negligenciados. A arquitetura brasileira modernista, desenvolvida principalmente entre as décadas de 1930 a 1960, foi palco para diversos arquitetos que, por meio de suas obras, ansiavam consolidar uma identidade arquitetônica nacional capaz de expressar os valores da época através da combinação de funcionalidade, uso criativo de materiais e formas geométricas ousadas.

No entanto, nesse acelerado desejo por progresso, muitas questões passaram despercebidas ou foram deliberadamente apagadas. Nomes de arquitetas foram invisibilizados e suas obras marginalizadas, e quem não é visto ou lembrado, simplesmente não é preservado.

Na conhecida batalha contra a desvalorização do trabalho das mulheres na reescrita das linhas da história da arquitetura, de acordo com Silva (2021, p. 92), "vale ressaltar que a escassez de bibliografia a respeito de suas obras e a falta de preservação da maioria das edificações projetadas por essas arquitetas dificultam a divulgação das mesmas". É preciso reconhecer que ainda há poucos trabalhos abrangentes sobre a contribuição das arquitetas latino-americanas ao patrimônio da arquitetura moderna do século 20 (LIMA e ZEIN, 2023).

Portanto, na reescrita dessa narrativa é preciso considerar a ampliação de fontes de pesquisa para que não se baseie somente em textos panorâmicos, mas sim em uma ampla gama de novas fontes bibliográficas, como teses e dissertações que abordam a contribuição das mulheres arquitetas de forma específica e consistente (LIMA e ZEIN, 2023). Afinal, essa prática não deve ser um reforço ou apêndice dos discursos canônicos demasiadamente proferidos.

A arquitetura moderna com todo seu contexto, histórico, social e político, acabou por ser conhecida, dentre muitos fatores e características predominantes, pelo seu *star system* ou "estrelismo" em português. Esse sistema, presente principalmente nas áreas criativas, como explica Fontes (2016), atribui a criação de algo, majoritariamente a um representante, no caso dos arquitetos, eram tratados como gênios solitários. De acordo com a autora:

[...] existem duas principais formas de status ou poder que atuam no campo arquitetônico. O primeiro é o status profissional, no qual há uma competição entre os arquitetos pelo sucesso material ou econômico, o segundo, é o prestígio, os status intelectual, no qual eles competem para ser reconhecidos como grandes criadores e pensadores. Esse

status intelectual, ou capital simbólico, configura o gênio arquitetônico (FONTES, 2016, p. 133).

O *star system* em conjunto com toda uma geração social, o contexto político, histórico e diversos outros fatores, resultou na subjugação das mulheres. A partir desse contexto de invisibilização, desvalorização e falta de espaço para o reconhecimento das profissionais, as mulheres afetadas por esse contexto, acabaram por procurar diferentes oportunidades de trabalho, ampliando o seu universo de atuação para que pudessem exercer o seu ofício.

A exemplo, as profissionais da arquitetura e do urbanismo frequentemente recorreram a outros meios de exercício da profissão, como pesquisas acadêmicas, projetos de conservação e restauração, paisagismo, artes plásticas e iniciativas públicas (VALENÇA, LINS, 2021). Uma prática recorrente no exercício da profissão presente na região, como relata Gatí (2016), é a formação de parcerias entre profissionais mulheres que se associavam aos seus cônjuges ou parceiros, homens.

Sabe-se que muitas arquitetas ou formaram parcerias com sócios ou casaram com arquitetos. Muitas foram relegadas a meras assistentes cujo reconhecimento foi nulo, configurando trajetórias colaborativas ocultadas pela história da arquitetura. Se por um lado essas parcerias garantiam o acesso e permanência no mercado de trabalho nos momentos de ausência necessária por assuntos relacionados à família, por outro, essa descontinuidade fez com que elas quase sempre fossem poupadas de serem protagonistas neste cenário (GATÍ, 2016, p.4).

Gatí (2016), aponta três principais exemplos que foram importantes para a arquitetura moderna do Nordeste, mais especificamente do Recife: Janete Costa no campo da arquitetura de interiores, design e museografia; Myriam de Melo Cordeiro especialista em detalhes construtivos de projetos arquitetônicos; Clementina Duarte na área de design de joias. Outro exemplo para além dos apresentados, em Maceió, Silva (2023) destaca o caso da Edy Marreta na academia e no poder público; Zélia Maia Nobre na academia, no setor público, e em seu escritório de arquitetura, entre outras que já foram "redescobertas/descobertas" e outras que ainda vão ser.

Nesse sentido, os pontos levantados anteriormente buscam ressaltar a necessidade de revisão da historiografia da arquitetura moderna brasileira, e especialmente incitar a investigação da trajetória das mulheres nesse campo de atuação. O resgate dessa produção é um dos tantos complementos que esse acervo carece.

AMPLIANDO O PATRIMÔNIO

A reflexão a respeito do resgate e reescrita da historiografia moderna é complexo e exige alternativas. Pellegrini (2011), em sua tese de doutorado, defende a hipótese de que o projeto, assim como o edifício em si, seja considerado um documento passível de preservação de forma a garantir a

valorização de um patrimônio. Para argumentar sua teoria, a autora a aplica em arquiteturas construídas póstumas:

[...] procura-se investigar a discussão sobre a valorização do projeto de arquitetura como patrimônio a ser cuidado e preservado e sobre sua capacidade de instrumentalizar a promoção de reparos ou complementos em obras de arquitetura de relevância reconhecida, mesmo – ou principalmente – quando se tratam de edificações de interesse para composição da imagem e da história da cidade (PELLEGRINI, 2011, p. 18).

Na tese, a documentação das obras é defendida como instrumento que possa ser consultado de forma a preservar o elemento arquitetônico. Pellegrini (2011), expõe uma comparação com o romance "O retrato de Dorian Gray", escrito por Oscar Wilde, em que na sua história, o protagonista tem o desejo de permanecer com aparência jovem, e tem sua beleza mantida enquanto sua imagem em um quadro mágico que acaba representando seu envelhecimento.

Fora do romance de Wilde, entretanto, retratos costumam resistir mais e melhor às marcas do tempo do que seus modelos. Da mesma maneira, o projeto conta com essa propriedade em relação aos edifícios, tendo, sobre o retrato, a vantagem da dupla natureza: a de documento e a de instrumento. Ou seja, além de registrar a imagem do estado inicial (ou ideal) da edificação, é capaz de devolvê-lo a certo ponto da sua existência, já que pode atuar como referência para sua restauração (PELLEGRINI, 2011).

Portanto, aventar a hipótese de que, além do edifício em si ser crucial para a preservação e reconhecimento do acervo moderno, o projeto e a documentação dele também devem ser valorizados e tratados com a mesma importância na construção do ideário moderno, pode ser um caminho não apenas de preservação, mas de reescrita da historiografia.

A abordagem do projeto como patrimônio a ser considerado na preservação e o reconhecimento de que esses documentos devem ser passíveis ao tombamento prontamente apontam para a ampliação do leque referencial do acervo moderno. E com as discussões contemporâneas aliadas a essa possibilidade, esse novo leque ganha a oportunidade de ser inclusivo, incorporando mulheres arquitetas, e abrangente abarcando obras de todo o país.

Que o projeto pode, assim como um quadro, uma partitura, ou um edifício, ser valorizado como patrimônio passível de cuidado e restrições visando à sua preservação como bem material encerrado em si mesmo parecer ser um tema mais consensual do que polêmico (PELLEGRINI, 2011, p. 22).

Além disso, essa prática permite uma leitura mais bruta sobre o mesmo projeto, apresentando os pensamentos iniciais dos profissionais sobre a obra, sem alterações provenientes de qualquer demanda externa. Logo, na revisão da narrativa historiográfica da arquitetura moderna brasileira, pode-se abrir espaço para a busca por documentações que partam para além dos edifícios em si, abrangendo também registros como imagens e anotações, que possam iluminar e colaborar para novas descobertas e reconhecimentos.

A ordem política e necessidades decorrentes do desenvolvimento da sociedade também influenciam na integridade do edifício. Como coloca Pellegrini (2011, p. 22), “Não há dúvidas sobre a existência de edificações e monumentos realizados ao longo da história da humanidade que mereçam especial tratamento para que não se deteriorem com a passagem do tempo”. E também não há dúvidas de que nomes e obras de arquitetas modernas poderiam receber o seu protagonismo, se tivessem sido observadas sem o filtro de valores da época.

Acredita-se que a inclusão do projeto como parte do campo patrimonial, pode colaborar tanto para a preservação da ideia, quanto para o reconhecimento de novos exemplares e protagonistas. Essa abordagem, pode também possibilitar revisitas à posição inicial de um mesmo monumento, que por si só, já poderiam viabilizar novas descobertas e entendimentos sobre diversos pontos da arquitetura moderna. Como é sugerido por Zein (2018, p. 105), “os mesmos documentos, iluminados por diferentes questionamentos, podem sugerir, precisões singelas ou revolucionárias”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços em relação às questões de gênero dentro do campo da arquitetura e do urbanismo estão se tornando cada vez mais evidentes, e isso deve ser reconhecido. No entanto, muito além da continuação da discussão das possíveis razões que levam a invisibilização das profissionais, é preciso iniciar a discussão de formas e métodos de como se pode minimizar os impactos causados pela herança do patriarcado e de inúmeras questões sociais.

No campo da arquitetura moderna, é palpável a necessidade de revisão da narrativa historiográfica, uma vez que ela foi construída mediante a um contexto social que excluiu parte da população que trabalhava nas “sombras” dos grandes cânones da arquitetura no Brasil e no mundo.

Além da invisibilidade de profissionais, destaca-se uma visível ignorância em relação à arquitetura produzida fora dos eixos de maior capitalização do país, principalmente no período da construção da narrativa historiográfica moderna, mais especificamente nas regiões Norte e Nordeste.

A atribuição do status de patrimônio ao projeto, como apresentado pela hipótese de Pellegrini (2011), pode ser considerada ao analisar ou reconhecer a obra de arquitetos que não foram reconhecidos em seu período, ou que por alguma outra razão contextual tiveram suas obras demolidas ou modificadas com o tempo. Reafirmando que, mesmo sem o elemento arquitetônico em si, existe a valorização e representação desse trabalho.

As barreiras de se reescrever uma história podem ser inúmeras, mas nós, pesquisadores e as redes de pesquisa, somos maiores que elas. Portanto, além de alavancar discussões sobre o patrimônio, conservação, revisões historiográficas, visibilização e reconhecimento das mulheres, deve-se conectar referências e pensamentos, para que se possa produzir alternativas para minimizar os efeitos causados pela história e a forma única como ela foi contada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Júlia Mendonça. **O vão feminino – Historiografia arquitetônica brasileira.** 14º Seminário DOCOMOMO Brasil. Belém. 2021.

FONTES, Marina Lima de. **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista.** Dissertação de mestrado. Brasília. 2017.

GATÍ, Andréa Halász. **Esposas: atuações em Arquitetura, Interiores e Design.** IV Enanparq. Porto Alegre. 2016.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas da América Latina do século XX.** Editora Altamira. 2014.

LIMA, Ana Gabriela Godinho; ZEIN, Ruth Verde. **Não somos arquitetas fáceis.** Revista THESIS. Volume 7. 2023 – 2024.

PELLEGRINI, Ana Carolina Santos. **Quando o projeto é patrimônio: a modernidade póstuma em questão.** Tese de doutorado. Porto Alegre. 2011.

SILVA, Fernanda Araújo Félix da. **Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses? Um levantamento sobre a produção arquitetônica feminina em Maceió, desde a década de 50 até os dias atuais.** Maceió, 2018.

SILVA, Fernanda Araújo Félix da. **Onde estão as mulheres arquitetas maceioenses? As pioneiras.** In: GATÍ, Andréa; NASLAVSKY, Guilah (org.). Brasil, Nordeste, Mulheres Arquitetas: Migrações, regionalismo e gênero. Maceió, 2021.

VALENÇA, Maria Luíza Rocha Mariz; LINS, Rafaela Silva. **Ilustres desconhecidas: A trajetória das arquitetas no Recife.** In: GATÍ, Andréa; NASLAVSKY, Guilah (org.). Brasil, Nordeste, Mulheres Arquitetas: Migrações, regionalismo e gênero. Maceió, 2021.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos.** São Paulo, 2013.

ZEIN, Ruth Verde. In: GUERRA, Abílio; LARA, Fernando Luiz; SANTOS, Silvana Romano (Org.). **Leituras Críticas.** São Paulo: Romano Guerra Editora, 2018.

ZEIN, Ruth Verde. **O vazio significativo do cânon.** In: VIRUS, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt> Acesso: 04 Mai 2021.

ZEIN, Ruth Verde. **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil.** São Paulo: RIO Books. 2021.

NOTAS

¹ Os oito livros panorâmicos são: Brazil Builds: Architecture new and old; Latin America Architecture since 1945; Modern Architecture in Brazil; Arquitetura contemporânea no Brasil (1969); Arquiteturas no Brasil 1900-1990; Brasil: Arquiteturas após 1950; Latin America in Construction; Infinito Vão: 90 anos de arquitetura brasileira.